

## S/ Título

Ricardo Teixeira Gomes

Acordei um dia destes numa inquietação indescritível. Ainda não tinha nascido o sol e já eu me rebojava na cama sem descanso. Por norma deito-me tão cansado que levo o sono direitinho desde que me deito até acordar. O sol já lá fora e eu ainda nisto, os cães a ladrarem-me da porta da cozinha e eu sem compreender que tinha que acordar, preso no limbo entre a noite e o dia. Lá acabei por me libertar deste estado por força dos latidos esfomeados e acordei estremunhado, sem entender a falta de forças e as mãos, que não são como tu te lembras, tornaram-se mais ásperas, parecem-me disformes por falta de toque, esfreguei a cara nelas para acordar e lá me reconheci nas botas sujas de terra pousadas à beira da cama. Vesti a roupa do costume, sentado na cama, transido de sono. Quando abri a porta, receberam-me esmorecidos pela espera, e sem a correria do costume foram para debaixo da mesa. Aos arrastos, lá meti uma fatia de queijo num pão que me sobrara do dia anterior e sentei-me no sítio do costume. Olhei o pão com estranheza, pousado na louça da minha mãe, sempre me custou comer de manhã mas lá me foste habituando. Hoje não me apetece nada, que fastio este que me tira a compreensão de como se come, se metesse o pão entre os dentes, como se mastiga? Acabei por dividi-lo pelos bichos e saí para o quintal. Era dia de arrumar o coberto, entupido de ferramentas usadas, mas acabei por me sentar num banco que cá tenho, com vista para o que tenho por fazer. Entorpecí com o trabalho à vista, numa total incompreensão. Esqueci-me assim, num acordar, de como se faz, recuei para os dias em que voltei e em que as mãos leves do trabalho da mente se entregavam com vontade mas sem jeito ao labor da terra. Fiquei a ver as folhas teimosas a resistirem à brisa amena do outono, sem vontade de se lançarem à terra. Às vezes pergunto-me se as árvores pensam, sempre gostei de árvores mas, por força de lhes tocar todos os dias cada vez as compreendo menos. Entreguei-me assim a esta inércia durante toda a manhã, quando os cães voltaram das suas explorações para me pedirem o almoço, o estômago ronca-lhes como o dos homens, vêm mais felizes, lambuzam-me o tecido das calças e lançam-se aos meus joelhos, acordei para uma revelação inesperada como uma borrasca de Verão. Levantei-me de chofre inspirado por esta epifania e voltei a entrar em casa. Num acesso de súbita vontade de acção meti uma muda de roupa numa mochila, liguei ao vizinho para que me cuidasse dos cães e fui para o jipe. Acho que nunca te falei dele, ficou-me na ideia há muito tempo atrás comprar um jipe e acabei por comprar um com as poupanças do trabalho na cidade antes de me mudar. Nunca acertava ao certo no jipe que gostavas quando tos apontava na cidade, olha este jipe, mas acho que ias gostar deste. Se pudesse conduzir sem ver, teria fechado os olhos para escolher o caminho. Escolhi um velho, o mesmo resultado se fosse cego, acho que sempre o quis voltar a fazer mas faltou-me sempre este ardor de ir, a ir para algum sítio que seja por aqui, e no entanto, à vista dos prédios e das estradas para os prédios, contornei a cidade a evitar as placas com nomes demasiado conhecidos para chegar ao aeroporto sem ter um avião à vista. Gente como já não via há muito, a fervilhar de malas de expectativa e eu sem nenhuma, porque não me conheço o destino. As letras fluorescentes a anunciar as partidas e as chegadas sem me dizerem nada, em boa verdade não as consigo ler bem daqui de baixo. Dê-me dois bilhetes, disse à senhora do balcão. Intrigada por não me conhecer a chegada, atirou-me um olhar de surpresa, olhe, meta-nos no próximo, e sem saber para onde ia fui-me sentar na sala de embarque. Eu numa cadeira, a mochila entre as pernas e ninguém ao lado. Não verifiquei as horas mas fui vendo as pessoas da sala a levantarem-se e a terem o seu bilhete verificado por uma hospedeira e eu sentado, sem ver as folhas nem a brisa do outono, sem os cães a lamberem-me as mãos caídas nos joelhos. Última chamada, ouvi dizer, a hospedeira a olhar para mim como quem, vens ou não vens, e eu para ela, estou à espera de uma pessoa, o avião não espera, espera se ela vier. A hospedeira a lançar um último olhar à sala, ao corredor e eu também de olho no corredor, não vem ninguém. Fechou a porta e desapareceu. Fiquei ali o resto da tarde, a segurar os dois bilhetes na mão à espera de quem mos levasse.